

## ENSAIO SOBRE O PAPEL SUBIMPERIALISTA DA CHINA NA REORGANIZAÇÃO DA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

Rafael David Abrunhosa<sup>1</sup>  
Francisco Raphael Cruz Mauricio<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar à luz da teoria da dependência a partir de seus principais expoentes como Gunder Frank e Ruy Mauro Marini, o papel que a China exerce no atual contexto geopolítico internacional de crise econômica mundial. Nosso trabalho consiste em afirmar, ancorados na teoria do Imperialismo/Subimperialismo de Marini, duas hipóteses que se fundem: 1) de que o grande crescimento da economia Chinesa não a leva a um patamar de independência econômica/política do Imperialismo estadunidense, pelo contrário, o crescimento chinês é determinado por esse Imperialismo, assim refutamos a tese de que a China poderá ocupar em um futuro próximo o lugar dos EUA no domínio geopolítico mundial; 2) a influência econômica e política que a China exerce no sudeste asiático (Laos, Camboja, Vietnã) e na África são determinadas pelo domínio global dos EUA. Sendo a China assim, uma nação que dentro do conceito de Marini se enquadra como Subimperialista, pois detém um certo domínio em uma região, mas subordinada ao poder da hegemonia Estadunidense. Com a falência do modelo fordista-keynesiano a China cumpre um importante papel hoje na reorganização internacional do trabalho nos países periféricos nos quais ela possui um domínio relativo, através da superexploração do trabalho que é uma na definição de Marini e uma acentuada mais-valia absoluta que ocorre de maneira anômala.

**Palavras-chave:** Teoria da dependência. Subimperialismo chinês. Divisão internacional do trabalho.

### 1 INTRODUÇÃO

A crise provocada pelas bolhas especulativas no mercado imobiliário americano suscitou uma série de debates, em especial, se a hegemonia econômica americana estaria nesse contexto de crise, ameaçada pelo crescimento vertiginoso da economia Chinesa.

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

<sup>2</sup> Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Ainda imerso nesta polêmica o objetivo do presente artigo é demonstrar o papel de hegemonia do Império Americano sobre a China e a hegemonia relativa chinesa na Ásia /África com objetivo de atender as demandas do Império americano. Assim lançamos luz sobre a tão debatida questão do papel da China na reconfiguração do cenário Geopolítico mundial. Sem pretensão de encerrarmos o debate, esperamos com este artigo contribuir com esse importante debate.

Para realizar tal pesquisa utilizaremos como elemento teórico-guia a *teoria da dependência* desenvolvida por Gunder Frank (1976), dentre outros, em especial o pensamento do sociólogo brasileiro Ruy Mauro Marini (2000; 2012) que formulou de modo brilhante o conceito de subimperialismo. Para o referido autor, o subimperialismo está relacionado ao poder relativo que determinado país exerce em uma dada região, mas subordinado ao um Império maior.

Utilizamos o conceito desenvolvido por Marini durante o contexto de Ditadura Civil-Militar para retratarmos o papel que a China desenvolve hoje no sudeste asiático, contribuindo assim para compreender a atual dinâmica geopolítica mundial e assim lançarmos algumas hipóteses que contribuam com as análises do desenrolar da atual crise econômica mundial e no papel de seus protagonistas.

Assim, apesar de debatermos nesse artigo uma questão já tão abordada, que reside no papel da China no atual cenário mundial, procuramos enriquecer a discussão utilizando alguns intelectuais que investigaram a América Latina de maneira inovadora e que ainda são negligenciados no meio acadêmico.

Acreditamos assim, que dadas as enormes diferenças, residem também semelhanças entre a América Latina e a China, ainda que não seja objeto do nosso estudo essa comparação, optamos por utilizar referências teóricas que subsidiaram a investigação científica na América Latina para compreendermos a China, porque acreditamos que reside uma relação de dominação semelhante entre os países industrializados da AL (Argentina, Brasil, México) e a China.

De maneira principal o *desenvolvimento do subdesenvolvimento* caracterizado por um desenvolvimento econômico e industrial desses países baseado em uma intensa exploração do trabalho e degradação da vida, tutelados pela hegemonia Estadunidense, guiaram a política econômica desses importantes centros industriais da periferia mundial.

O importante papel que a China cumpre no desenvolvimento capitalista dos países do sudeste asiático e na África nos confirma a função precípua da nação Chinesa na nova organização internacional do trabalho. Pois os investimentos chineses têm por objetivo garantir estabilidade energética mundial com a exploração de recursos naturais na África, mas também garantir toda uma nova conformação de exploração do trabalho baseado no co-domínio China-EUA.

## **2 O DESENVOLVIMENTO DEPENDENTE E O DESENVOLVIMENTO DO SUBDESENVOLVIMENTO CHINÊS**

O estouro da bolha de crédito americano que provocou quedas nas bolsas do mundo inteiro e acarretou uma diminuição significativa no consumo da economia americana (economia essa que tem o consumo doméstico como o principal motor de sua economia) provocou uma série de debates e de teóricos que afirmaram o “declínio do Império Americano” e a tese de que a China ocuparia a posição outrora dos EUA de Império Mundial.

O fato de o sistema capitalista ser uma totalidade acabou por impedir uma análise mais geral por parte desses autores sobre o sistema capitalista e sobre essas mudanças na geopolítica mundial. De acordo com Fiori (2008), não se pode confundir a diferença entre um problema econômico/político transitório e um problema estrutural que colocaria fim ao Império americano, ainda que achassem que não se pode falar em declínio relativo dos EUA em relação à China concordamos com Fiori (2008) de que a crise não pôs em cheque a hegemonia do Império Estadunidense:

Pode-se falar de “declínio relativo” do poder americano com relação à China, como já se falou de declínio do poder econômico americano com relação ao Japão e a Alemanha na década de 1970. Mas este declínio relativo dos Estados Unidos não significa – necessariamente um “colapso” do seu poder econômico e da sua supremacia mundial (FIORI, 2008, p. 21).

Entretanto a economia chinesa cresceu bastante, em especial nos últimos quinze anos, fruto da política de liberalização e restauração capitalista engendrada por Deng-Xiao Ping no final dos anos de 1970, suscitando-se uma série de debates acerca do destino de sua economia e do cenário da economia internacional com esse novo protagonista.

O crescimento da economia chinesa se deu pela aquisição de capital fixo dos EUA. A política restauracionista de Deng-Xiao Ping teve como primeiro passo a re-ativação de acordos bilaterais com os EUA vendendo produtos manufaturados a este, a consolidação dessa política se deu progressivamente com acordos entre a União Europeia e finalmente com o ingresso na Organização Mundial do Comércio nos anos 1990.

Os EUA desempenharam papel determinante no crescimento inicial da economia chinesa. Com a relação comercial restabelecida a partir da década de 1970, e a abertura da economia chinesa ao Ocidente, o fluxo comercial entre os países se expandiu de forma grandiosa. O contato com os EUA foi fundamental por ser considerado um grande fornecedor de tecnologias e maquinários avançados, além de proporcionar intercâmbios enriquecedores por meio da alocação de investimentos em territórios chineses, que favoreceram ainda o extraordinário incremento do acúmulo de divisas pela China, vitais para a importação de bens de capital (CARVALHO, 2009, p. 248).

Essas trocas bilatareias devem ser compreendidas no contexto de crise econômica mundial com o choque do Petróleo de 1973 e a necessidade que os EUA precisavam por conta desse contexto de garantir sua atividade industrial, renovando seu capital fixo através de novas tecnologias produzindo mais em menor tempo a fim de garantir a reprodução ampliada de capital. Essa condição para a reprodução ampliada seria um mercado comprador de capital fixo obsoleto possibilitando a exportação de tecnologia excedente.

Assim podemos auferir que a industrialização da China ocorreu para garantir a reprodução ampliada de capital em um contexto de deteriorização do modelo fordista-keynesiano e na ascensão de uma nova divisão internacional do trabalho no qual a Ásia (China e Japão) foram protagonistas. A exportação de capital fixo excedente possibilitou a garantia do processo de renovação do capital, industrializando a periferia do capitalismo para manter a hegemonia do centro.

Dessa forma, a industrialização chinesa não condicionou uma independência político-econômica dos países centrais, pelo contrário, nasceu para garantir a hegemonia Estadunidense na Geopolítica mundial e restabelecer o capitalismo em um contexto de crise.

Ainda que a China hoje tenha um grande parque produtor de maquinários e exporte capital fixo para países semiperiféricos (periferia com parque Industrial) como o Brasil, seu desenvolvimento tecnológico foi orientando pelos EUA e conduzido por sua política a fim de garantir um maior poder de desenvolvimento industrial, pois os rumos de sua economia ainda se baseavam na potência Estadunidense.

A semiperiferia exerce função precípua na economia mundial e no sistema interestatal. Na primeira, os Estados semiperiféricos podem aliviar o congestionamento de capital no centro. Os setores líderes, que, devido aos efeitos cíclicos, tornam-se menos centrais, podem ser deslocados para a semiperiferia, cuja economia pode lucrar com a crise no centro e auxiliar seu arrefecimento. Do ponto de vista geopolítico, a polarização extremada ocasionaria insuperáveis tensões entre muito ricos e muito pobres. Essa situação pode ser mitigada por meio da atuação de uma camada intermediária de países que distribui os conflitos entre grandes potências, potências médias ou regionais e países periféricos (LIMA apud WALLESTEIN, 2007, p. 60).

Ainda que não concordamos com a análise de Wallestein (2007) sobre a economia chinesa e sobre a semiperiferia poder arrefecer a economia do centro, pois este ignora o caráter subimperialista da China, é patente que os países semiperiféricos como a China aliviam o congestionamento de capital no centro amenizando as tensões entre centro e periferia, por isso sua análise é fundamental para compreendermos a dinâmica internacional do capital no que ele denomina de *sistema-mundo*.

O crescimento econômico vertiginoso da China se deu pela combinação da superexploração de trabalho com uma economia a serviço do consumo da Europa e dos EUA. A China não pode se tornar um país desenvolvido enquanto a mola propulsora de seu desenvolvimento for a superexploração dos trabalhadores, pois não tendo um mercado consumidor que consiga absorver sua produção industrial terá sempre que produzir para a exportação.

Uma produção voltada exclusivamente à exportação acaba por minar o mercado interno e aumentar a dependência do grande polo consumidor externo. A China não conseguirá sair dessa condição de dependência desse polo enquanto mantiver como base de seu crescimento a *superexploração de trabalho* (conceito de Marini), que é uma combinação de mais-valia relativa (pois anexa capital constante dos países desenvolvidos) com mais-valia absoluta, com extenuantes jornadas de trabalho.

Um caso emblemático na superexploração de trabalho na China é da Indústria *Foxconn* que é a principal montadora dos produtos da *Apple*. E no qual mais da metade da receita da Indústria vem da montagem dos produtos da empresa americana<sup>3</sup>. Sobre o regime de trabalho na Foxconn, que conta com mais de 800 mil trabalhadores na China e representa bem o regime de trabalho no país, Nabuco (2012) escreve:

“A empresa possui um sistema de horas-extras que vai muito além do permitido pela lei chinesa. A Foxconn funciona 24 horas por dia e em dois turnos das 8h às 20h e das 20h às 8h, o turno branco e o preto respectivamente. Segundo dados da pesquisa feita por acadêmicos chineses, citada anteriormente, o número de dias de folga por mês de 75% dos trabalhadores é quatro e 8% têm menos de quatro dias mensais de descanso. Cerca de 73% dos trabalhadores têm jornada diária superior a 10 horas” (NABUCO, 2012, p. 84).

O modelo de trabalho que possibilitou esse crescimento na China combinou elementos do Toyostimo como o *just-in-time*, Taylorismo e elementos específicos da China, como o sistema de dormitórios, as proibições das greves as extensas jornadas de trabalho, horas-extras acima do que a lei chinesa aceita, controle absoluto do Estado sobre os sindicatos etc. O que conforma um modelo específico de trabalho chinês<sup>4</sup>.

O que deve ser compreendido é que o vertiginoso crescimento da economia chinesa não ocorreu a margem da superexploração do trabalho, mas que ocorreu somente por conta dessa superexploração com as chamadas *indústrias dormitórios*, como na Foxconn no qual os trabalhadores dormem dentro da Indústria. Essa longa

---

<sup>3</sup> <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/iphone-atrapalha-vendas-da-foxconn-no-trimestre>.

<sup>4</sup> Para nós está claro de que o modelo de trabalho chinês baseado em sistemas de dormitórios e super-exploração do trabalho está sendo exportado para o conjunto da periferia do capitalismo.

jornada de trabalho que vimos acima é combinada com baixos salários o que impede o desenvolvimento de um mercado interno consumidor, fortalecendo os laços de dependência produtiva aos países do centro capitalista.

As economias periféricas realizaram seu processo de acumulação essencialmente com base na produção de mais-valia absoluta. Para isso contribuiu, em parte, a falta de regulamentação das condições de trabalho e, portanto, a extensão desmentida da jornada produtiva – Em outros termos, o aumento do tempo de trabalho excedente tende a se realizar sem alterar o tempo de trabalho necessário, deixando de restituir ao trabalhador o equivalente ao valor criado durante o tempo de trabalho necessário. Assim o que parece ser mais-valia relativa é frequentemente um caso anômalo de mais-valia absoluta (MARINI, 2012, p.173).

A análise de Marini (2012) sobre o desenvolvimento das economias periféricas baseadas na superexploração do trabalho é fundamental para compreendermos a realidade chinesa. O caso da Foxconn é emblemático e dá vazão e atualidade a teoria de Marini, pois este salienta que a regulamentação sobre jornada de trabalho tal qual existe no centro não existe na periferia do capitalismo. No caso chinês as grandes indústrias sequer respeitam a legislação vigente, explicitando todas as contradições do desenvolvimento econômico chinês.

Como o desenvolvimento da economia chinesa é baseado na superexploração do trabalho em larga escala em grandes indústrias a serviço do consumo dos países centrais, podemos perceber que o crescimento de sua economia está proporcionalmente ligado ao aumento da exploração do trabalho e da subcondição de vida.

Existe uma relação direta entre o desenvolvimento chinês baseado na dependência do consumo externo com o desenvolvimento chinês baseado na superexploração do trabalho, pois a China só tem uma produção voltada ao mercado externo justamente porque a base de seu desenvolvimento é a combinação de super-exploração do trabalho com achatamento salarial que impede assim a criação de um mercado consumidor interno. Podemos, assim, concluir esse capítulo baseados nos conceitos de Andrew Gunder Frank de que há uma combinação na China de 1) Desenvolvimento Dependente com seu 2) Desenvolvimento do Subdesenvolvimento.

Pois 1) O desenvolvimento dependente baseia-se na produção voltada ao mercado externo, como afirma Ho-Fung (2009, p. 30): “Além de expor o país as vicissitudes dos mercados globais, o modelo chinês voltado para a exportação restringiu drasticamente o consumo”, expondo, um modelo inteiro voltado a exportação. Mais a frente Ho-Fung (2009) analisa a aliança da burguesia Chinesa com a burguesia Americana demonstrando a ligação orgânica entre ambos e a condição de dependência da China sob o julgo Estadunidense:

Essa facção dominante da economia Chinesa, como exportadores e credores estabeleceu uma relação simbiótica com a classe dominante americana que tem se empenhado em manter sua hegemonia doméstica assegurando o padrão de vida dos cidadãos dos Estados Unidos como consumidores e devedores do mundo (HOFUNG, 2009, p.36).

Há uma profunda relação entre o desenvolvimento dependente e o desenvolvimento do subdesenvolvimento, como afirma Gunder Frank (1976): “Em contraste com o desenvolvimento da metrópole mundial que não é satélite de ninguém, o desenvolvimento das metrópoles nacionais e locais subordinadas é limitado pela sua própria situação de satélites” (GUNDER FRANK, 1976, p.33). O 2) *desenvolvimento do subdesenvolvimento* é justamente o modelo econômico-político adotado na China, no qual a superexpansão industrial e todo o complexo de infraestrutura chinês que condicionou seu desenvolvimento foi todo esse baseado na superexploração do trabalho e no encarecimento da vida das massas trabalhadoras, em sua maioria migrantes. Como acentua Marini (2000) a industrialização em países com graves contradições sociais, como é o caso da China, ao contrário de superar essas contradições através da industrialização orientada pelo ocidente acaba por elevar ainda mais essas contradições:

Internamente, a industrialização se expressa, em um país atrasado, na agudização de contradições sociais de vários tipos: entre os grupos industriais e a agricultura e os latifundiários exportadores; entre a indústria e a agricultura de mercado interno, entre os grandes proprietários rurais e o campesinato; entre os grupos empresariais e a classe operária, assim como a pequena-burguesia. A diversificação econômica é acompanhada, então de uma complexidade cada vez maior nas relações sociais, que opõem, em primeiro lugar os setores do mercado interno aos do mercado externo e em seguida, no coração dos dois setores aos grupos sociais que os constituem (MARINI, 2000, p. 53).



Assim o subdesenvolvimento chinês é relacionado ao desenvolvimento do centro capitalista. Sua industrialização só elevou a outro patamar as contradições sociais internas da China como podemos perceber nas recentes ondas de greve pelo país<sup>5</sup>. Assim como sua produção está toda ela subordinada ao consumo, em sua maior parte, norte-americana, sua condição de subdesenvolvimento está igualmente relacionada à qualidade de vida e de compra dos EUA.

### **3 O PAPEL DO SUBIMPERIALISMO CHINÊS NA REORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO**

Como a economia Chinesa é uma economia centralmente de exportação, subordinada ao consumo doméstico Americano e Europeu, que negligencia o consumo externo, esta não pode sair de sua condição atual de emergente para nação desenvolvida sem voltar parte de sua produção ao consumo interno.

Com a crise de 2009 a China vem modificando suas estratégias de produção/consumo. O principal mercado comprador da China, os EUA, vem sofrendo com a crise, não honrando suas dívidas (o Estado chinês é o maior acionista dos tesouros da dívida pública americana) e vem comprando menos, ainda que comprando.

A China teve que necessariamente readequar aos poucos sua política de produção excedente para o consumo interno e para isso está progressivamente aumentando o salário dos seus trabalhadores e aumentando os salários indiretos. No seu 12º Plano Quinquenal fez planos de construir 36 milhões de casas populares, de criar 45 milhões de novos postos de trabalho, de efetuar a manutenção de uma taxa de desemprego a 5% e de realizar uma reforma tributária que permite o corte de impostos de 80% da população.

---

<sup>5</sup> NABUCO, PAULA, 2012. As Recentes “Greves” na China in Revista Outubro nº20.

Essa remodelação da economia chinesa incide sobre o seu modelo de trabalho, necessitando ser readequado/modificado por conta da crise. Seu modelo de trabalho, de superexploração, que serviu de convite para o alto volume de empresas estrangeiras para o país, modifica-se lentamente, ainda que mantenha um alto grau de exploração sua perspectiva e seu maior atrativo se alteram.

Para se tornar menos dependente do mercado consumidor dos países desenvolvidos a China, desde 2002, vem operando importantes reformas domésticas, tais como: Indústria de casas, automotriz etc<sup>6</sup>. Aumentando assim seu mercado consumidor interno. Mas isso é ainda totalmente insuficiente para independência econômica chinesa diante do seu elevado nível de produtividade industrial.

Essa insuficiência se dá pela própria natureza do desenvolvimento Chinês. Desenvolvimento esse oriundo de grandes centros industriais com base na iniciativa de multinacionais que se estabeleceram no país nos anos 70, provocando uma das maiores migrações da História recente mundial<sup>7</sup>.

A grande indústria chinesa conformada inicialmente por essa grande massa de migrantes desenvolveu-se à custa de extensas jornadas de trabalho, com extrapolações de horas-extras, com grandes centros de dormitórios nas próprias fábricas sendo proibidas as greves e com sindicatos *estatizados* com dirigentes escolhidos pelo governo.

Então, mesmo que o governo chinês queira incentivar o mercado interno, essa tarefa é extremamente difícil, pois o crescimento chinês foi baseado na superexploração do trabalho com achatamento salarial, de tal forma que mesmo que se duplique, por exemplo, o poder de compra da classe trabalhadora chinesa esse ainda será pequeno.

O maior poder de compra da classe trabalhadora chinesa oriunda dessa mudança nos planos quinquenais chineses, mas também pela quantidade/intensidade das greves, ainda que pequenas, provocou o deslocamento

---

<sup>6</sup> Caputo, Orlando, 2009. A economia mundial e a América Latina no Início do séc. XXI. In: "América Latina e os Desafios da Globalização". Ed. BOITEMPO.

<sup>7</sup> NABUCO, PAULA, 2012. As Recentes "Greves" na China in Revista Outubro nº20.

de grandes indústrias para países menores do sudeste asiático, tais como: Camboja, Laos, Vietnã.

Em 2004 a produção da economia chinesa na produção mundial foi 13,2%, o que é algo muito grande. Como já dissemos esse crescimento deu-se à custa da superexploração do trabalho, o que agora está abalado pela necessidade de construir um mercado interno.

Essa necessidade de construir um mínimo mercado interno para absorver no mercado doméstico parte dos produtos que o Ocidente já não consegue absorver como outrora, vem gradativamente modificando o modelo de crescimento chinês baseado na superexploração do trabalho.

Sob o imperativo de reordenamento em sua política produtiva vem orientando-se o papel subimperialista chinês que em busca, não apenas de Petróleo, mas de devedores vem realizando uma política ofensiva na África, como podemos ver:

No último Fórum China-África, o presidente Hu anunciou um empréstimo aos países africanos de US\$ 20 bilhões em três anos, destinados à agricultura, infraestrutura e pequenas empresas. Os altos responsáveis chineses excluem qualquer ingerência nos assuntos internos dos países fornecedores. Por outro lado, penam para escapar da engrenagem experimentada pelas nações africanas quando estavam sob domínio do Japão e potências ocidentais (DIPLOMATIQUE, 2012).

O objetivo da China em conceder empréstimos a economias subdesenvolvidas africanas consiste por um lado em garantir lucros com juros desses empréstimos, mas principalmente fornecer elementos necessários para extração e produção de *commodities* abundantes na África (principalmente energéticas como Gás e Petróleo) a fim de garantir seu desenvolvimento industrial.

Alguns exemplos: na Nigéria a China está a reconstruir a rede ferroviária; no Ruanda e Camarões está a construir estradas; na Zâmbia explora minas de cobre; na Guiné Equatorial domina a indústria madeireira; na Etiópia, Mauritânia, Níger e Mali ocupam-se de exploração petrolífera; em Marrocos constrói barragens; na Argélia constrói um aeroporto e uma central nuclear; na Costa do Marfim planeou e edificou a nova cidade administrativa; no Lesoto ocupa posição importante no sector terciário; no Quênia esteve

envolvida na reconstrução da estrada Mombaça-Nairobi (ALVES, p. 60, 2007).

Os Investimentos Externos Diretos (IED) da China sobre os países do sudeste asiático e na África expõe o caráter global da economia mundial e a importância da China para re-organização de um novo padrão de divisão internacional do trabalho, pois além dos empréstimos a China impõe um modelo de trabalho nesses países semelhante aquele que impulsionou seu desenvolvimento, como verificaremos nos dados da revista Exame.

Outro fator importante a ser analisado no novo papel subimperialista chinês faz parte da nova divisão internacional de trabalho com a expansão das indústrias saindo da China indo em direção ao sudeste asiático. Isso ocorre justamente pela elevação do nível de vida do trabalhador chinês, ainda que seja pequena. Dados da revista Exame<sup>8</sup> demonstram que países como Camboja e Laos ganham a metade do que um trabalhador Chinês ganha, enquanto que no Vietnã isso se acentua a um terço.

A política do governo chinês sobre o sudeste asiático não reside apenas no quadro de ajustador no novo processo de divisão internacional do trabalho oriundo da exportação do modelo de trabalho chinês, baseado no *sistema-dormitório* e na *super-exploração* do trabalho, mas também, assim como na África, na ofensiva sobre os recursos naturais: Pequim mantém seu objetivo de triplicar a produção de eletricidade nos próximos 25 anos, as importações de gás, que não existiam em 2005, chegarão a 87 bilhões de metros cúbicos por dia em 2020 advindos, principalmente, do Oriente Médio e do Sudeste Asiático (DIPLOMATIQUE, 2012).

Assim, como podemos perceber ao longo do texto a condição produtiva e política que a China se encontra hoje não pressupõe uma escalada de sua posição no topo da Hegemonia política mundial. Pelo contrário, sua expansão e ofensiva à regiões mais vulneráveis como a África e o Sudeste Asiático, seja para extrair recursos naturais, seja para criar devedores ou reorientar a divisão internacional de trabalho exportando seu modelo de trabalho baseado na superexploração, foi sempre orientado por um modelo produtivo condicionado ao domínio Estadunidense.

---

<sup>8</sup> Revista EXAME Edição 1000 ano 45 nº17 21/09/2011.

Dessa forma sua política expansiva se deu sempre nos marcos de uma política subimperialista, baseado no contrato orgânico o Imperialismo estadunidense.

#### 4 CONCLUSÃO

Como analisamos, o crescimento da economia chinesa e seu potencial de industrialização ocorreram historicamente para beneficiar o mercado de capital fixo Estadunidense, ainda que hoje a economia chinesa possa desenvolver fábricas de maquinários, esses não apenas surgiram em parceria com o Imperialismo como também é orientado por sua política.

A China, dessa forma, não somente representa ameaça ao domínio do Império dos EUA, como na verdade cumpre um importante papel de subordinado desce: a) Pois sua economia é voltada para atender os interesses do Império; b) O domínio da China na África e no Leste asiático através de IED serve como propósito de garantir os recursos energéticos necessários para domínio hegemônico dos EUA e a permanência da “paz mundial”.

O papel *subimperialista* da China cumpre a função de garantir a paz (baseada na superexploração do trabalho) ao evitar guerras de exploração mineral, garantindo a política de controle estadunidense. Mas também serve como instrumento reorganizador da nova divisão internacional do trabalho. A crise do modelo fordista-taylorista baseado no regime de produção rígida pôs a China como protagonista mundial ao desenvolver um modelo próprio de trabalho baseado na *superexploração* e na *semiescravidão*, esse modelo vem sendo exportado aos países em que a China detêm um poder relativo, possibilitando uma reorganização do modelo de trabalho em escala internacional.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Artigos e Livros:

CARVALHO & CATEMOL, Cecilia & Fabricio. **Relações Econômicas entre China e Estados Unidos**: Resgate Histórico e Implicações. Revista do BNDES, Rio De Janeiro, v. 16, n. 31, p. 215-252, jun. 2009.

DUARTE, Bué Alves. **A Presença Chinesa em África**: O caso Angola in Negocios Estrangeiros, nº10. 2007.

GUNDER FRANK, Andrew. **Desenvolvimento do Subdesenvolvimento Latino-Americano in Urbanização e Subdesenvolvimento**. Editora Zahar. 1976.

FIORI, José Luís. O Sistema Interestatal Capitalista no Início do Século XXI. In: **O Mito do Colapso Americano**. Editora Record. 2008.

HO-FUNG, Hung. O Braço Direito dos Estados Unidos? In: **New Left Review**, n 60º 2009.

LEIVA, Orlando Caputo. A economia mundial e a America Latina no Início do séc XXI. In: **América Latina Os Desafios da Globalização**. Ed. BOITEMPO. 2009.

LIMA, Pedro Garrido. **Posicionamento na Economia Mundial e Semiperiferia**. Textos de Economia, Florianópolis, v.10, n.2, p.58-85, jul./dez.2007.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. Ed. Vozes. 2000.

\_\_\_\_\_. **Subdesenvolvimento e Revolução**. Editora Insular. 2012.

NABUCO, Paula. As Recentes “Greves” na China in Revista Outubro nº20. Editora Alameda. 2012

### Periódicos:

Le Monde Diplomatique nº 62 Setembro 2012

Revista EXAME Edição 1000 ano 45 nº17  
21/09/2011<<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/iphone-atrapalha-vendas-da-foxconn-no-trimestre>>. Acessado em 13/04/13